

Mundo como constituição existencial do *Dasein*

Naiane Meireles de Almeida¹

Resumo: No presente artigo retomaremos ao conceito grego de “verdade” (*Alétheia*) tal como o filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) propõe em sua obra *Ser e Tempo*. Essa preocupação heideggeriana com o sentido originário grego das palavras e dos conceitos não é em vão, dado que através dessa retomada pode-se entender melhor a constituição existencial do *Dasein* – conceito central em sua filosofia. Em sua perspectiva, a verdade das coisas (*Alétheia*), refere-se ao desvelamento do ente que se mostra no “mundo” a partir de sua “utilidade” na “ocupação”. Considerando isto, primeiramente trataremos de explicar a relação de *Alétheia* com os entes e com o *Dasein*, relação esta que ocorre no “mundo”, mais especificamente no que o filósofo denomina de “mundo circundante”, que seria o mundo mais próximo ao *Dasein*, conceitos estes que entre tais surge a noção heideggeriana de “mundanidade”. Em segundo lugar e por fim retomaremos também ao conceito grego de *Physis* correlacionando com o conceito de “mundo”, trazendo também considerações sobre a questão dos “sinais”.

Palavras chave: Ser. Mundanidade. Existência.

Introdução

Ao escrever sua principal obra *Ser e Tempo*, Heidegger constrói um novo dicionário próprio, através de um estudo minucioso sobre a origem das palavras antigas. Ele acreditava que as experiências vividas pelo homem estão impressas de algum modo em suas palavras e nos conceitos. O problema, é que com o passar dos anos, o significado original das palavras foi se perdendo. Mas por que Heidegger se interessaria pela origem das palavras? As palavras não devem ser caracterizadas como meros símbolos de representações de coisas, as palavras são ações desempenhadas pelo *Dasein*, a partir disso, torna-se explícito o porquê deste filósofo ter se debruçado a estudá-las. No presente artigo investigaremos a palavra *Alétheia* a partir de sua origem grega e qual a relação desta com a tese existencial proposta por Heidegger em *Ser e Tempo*. A verdade sobre as coisas está relacionada

1. Graduanda em filosofia pela UEFS.

com o que o filósofo denomina de “ocupação”, que acontece no mundo cotidiano do *Dasein*. Posteriormente explanaremos uma investigação de mundo como fenômeno e não como um ente simples onde *Dasein* e os outros entes estão “contidos”, categorias como ente “intramundano”, “mundo circundante” e “mundanidade”, todos fazem parte do fenômeno mundo. Ainda tratando sobre mundo, falaremos brevemente sobre a *Physis* e o “mundo circundante”, a importância dos “sinais” e por fim algumas considerações sobre linguagem.

Alétheia como desvelamento do ser

Quando nascemos, o primeiro contato que temos com as coisas que nos cercam não imprime um entendimento do que significam, elas simplesmente estão no mundo e são utilizadas.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger investiga o significado da palavra *Alétheia* a partir da visão dos gregos, ele acreditava que eles foram os primeiros a conhecer *Alétheia* em seu sentido originário e mais puro. No dicionário Heidegger encontramos algumas definições de *Alétheia*: “verdade, veracidade, honestidade”, dentre outros, dos vários significados o que mais se adequaria neste contexto é o de verdade. Contudo, o significado de *Alétheia* vai bem mais além. Em grego as palavras que começam com a inicial “a” na maioria das vezes possuem um sentido privativo. *Alétheia* em seu estado primitivo também quer dizer algo que não esconde nem se esquece (*A-létheia*). De acordo com Inwood:

A verdade não está restrita a asserções explícitas e a atitudes discretas, mentais e primordialmente teóricas tais quais julgamentos, crenças e representações. A verdade é primordialmente um aspecto da realidade-entes, ser e mundo, não de pensamentos e elocuições. A verdade pressupõe explicitamente velamento ou encobrimento (INWOOD, 2002, p. 18).

Retroceder ao termo inicial do significado de verdade (*Alétheia*) nos faz analisar qual o seu real sentido de modo que a retomada da análise do mesmo faz com que entendamos as nuances fenomenológicas de constituição do *Dasein*. Este sentido originário não é o que utilizamos hoje frequentemente. No livro *Heidegger e as palavras de origem* (1990.p.63) encontramos “verdade” como “adequação do conhecimento à coisa (*satzwahrbeit*), [ou] quer como adequação da coisa ao conhecimento (*sachwahrbeit*)”, que funcionaria como uma espécie de concordância entre o significado do enunciado e a própria coisa. Na analítica existencial do *Dasein* a “verdade” deve comportar também a não verdade, velamento e desvelamento, fechamento e abertura. A “verdade” deixa de ser pensada como um mero conceito da lógica e passa a ser um dos fatores determinantes para a analítica existencial.

Seguindo o quadro de estruturas existenciais que constituem o *Dasein*, temos o “ser-junto-à” estamos pressupondo um modo de ser existencial do *Dasein* e de sua relação junto ao ente. Observemos a seguinte proposição: “Meu caderno preto está sobre a mesa”, suponhamos que este caderno pertença a uma determinada escritora e que este se encontra no escritório da casa dela. Falar no caderno não nos mantém apenas junto a ele, mas, também estamos junto aos demais objetos que o rodeiam, como a mesa de boticário que o sustenta, a sala que fora milimetricamente arquitetada para que se pudesse ver o nascer do sol, as cortinas cor de cinza sobre as grandes Janelas em formato vitoriano , todas as coisas que rodeiam este ambiente onde o caderno está vem ao nosso encontro a partir da nomeação de caderno, por meio dele, voltamos nossa atenção para estas coisas que antes mesmo de notarmos já estavam ali. O caderno está ali sobre a mesa por consequência de um *Dasein* tê-lo colocado lá, outros podem manuseá-lo e descobri-lo em seu uso, implicando numa teia de relações de *Dasein*,

tanto com este ente específico (caderno) quanto com outros entes, o sentido de cada ente será diferente para cada um, para a escritora não é só um caderno preto, sua avó à presenteou em seu aniversário de 15 anos, para outras pessoas será apenas mais um ente com funcionalidade de conter registros. Este é o caráter de “ser-junto-à” do *Dasein*.

Retomemos então à questão da verdade, para Heidegger é a partir da “lida” que temos com as coisas que a verdade das mesmas se apresentam para nós. A “verdade” se dá na serventia que as coisas mostram ou possibilitam, no seu “para- quê”.

Para entender a questão da serventia utilizaremos aqui um exemplo que Heidegger traz em sua obra *Introdução à filosofia*, o exemplo do giz. O que seria o ente giz? Hipoteticamente se perguntássemos a uma pessoa adulta já inserida em determinado tipo de linguagem e possuindo as faculdades mentais em bom funcionamento lógico: “O que é giz?” poderíamos inferir que ela responderia que giz é um objeto que utilizamos para escrever, mais frequentemente no quadro negro. Este ente, giz, é um ente subsistente, pois já o reconhecemos em sua utilidade, ele já está desvelado em sua “verdade” sendo giz. Em todo lugar giz será reconhecido em sua verdade como algo que pode ser “empregado para” escrever no quadro. Essa “verdade” partilhada entre nós, Heidegger chama de “um-com-o-outro”. Partilhamos aqui a “verdade” do giz, esse partilhar também é “desvelamento” do ente, é compartilhamento de algo igual, do mesmo, ou seja, da mesma “verdade”. O compartilhamento do giz não quer dizer dividi-lo em vários pedaços, é compartilhar sua utilidade, é o que ele significa para nós em seu uso. Nosso ser é junto a este ente (giz), ele subsiste e o deixamos ser o que ele é. Deste modo:

Com efeito, porém, em meio à interpretação de nosso ser junto a este ente por si subsistente, já ouvimos que tal ente seria desvelado nesse processo, ou seja, que ele seria verdadeiro em sentido originário.

O desvelamento (verdade) advém ao ente; o ente é primariamente verdadeiro; só posteriormente a proposição sobre ele é verdadeira. Esse desvelamento é algo que não perturba o giz em sua quiddidade e em seu modo de ser. Ele permanece o que é e como é, mesmo que ninguém se mantenha no auditório e esteja junto a esse ente por si subsistente. Ele tampouco se torna diverso por meio do fato de ser desvelado para nós. Por meio de nosso ser junto ao giz, ele não é, por exemplo, gasto. O giz é verdadeiro em nosso ser junto a, ele é desvelado. Portanto, a verdade é algo que advém ao giz e, contudo, não pertence à consistência por si subsistente de suas propriedades *qua* giz. É nesse desvelamento que o giz se mostra nele mesmo como essa coisa de uso, que ele se manifesta como o ente que ele é. Com isso, não é senão por intermédio do desvelamento (verdade) que deixamos justamente esse ente enquanto ele mesmo ser o que e como ele é (HEIDEGGER, 2008, p. 109 -110).

Notamos então, que a “verdade” de que tratamos, é a “verdade” (*Alétheia*) sobre as coisas, uma “verdade” sobre o ente que se mostra no mundo a partir da relação com o *Dasein*. O giz é um ente criado pelo homem e que tem sua instrumentalidade revelada apenas no manuseio, sabemos que giz é o que é por meio de sua utilidade de escrever no quadro, e o nomeamos giz, contudo, não é pela nomeação de giz que ele é o que é, é pela função de escrever. Um giz esquecido numa ilha sem um *Dasein* é apenas carbonato de cálcio, uma coisa com constituição física e química, o giz, precisa de alguém que o manuseie para que ele se revele em seu ser, ou seja, como utensílio.

“Mundo” como um conceito existencial

Ampliemos então nossa visão para outro ente, em que o giz e todo o resto se encontra, um ente com uma significância importante, pois nele estaria toda constituição fenomenal do *Dasein*. Este ente seria o mundo, e entendendo sua constituição, conseqüentemente,

compreenderíamos como se dá o acontecer do *Dasein* com mais profundidade.

A obra *Ser e Tempo* (1927) do filósofo Martin Heidegger (1889-1976), apresenta o mundo como significatividade. Mundo é entendido por Heidegger como aquele que desvela o próprio *Dasein* em sua totalidade. O *Dasein* só pode ser o que é sendo no mundo e “ser-no-mundo” implica uma transcendência ontológica pertencente somente a ele.²

Segundo o filósofo, a mundanidade do mundo é um fenômeno. Pensar fenomenologicamente o mundo requer um “deixar e fazer ver o que se mostra no “ente” dentro do mundo” (HEIDEGGER, 1997, p.103). Assim sendo, as coisas que aparecem no mundo como, por exemplo, casas, escolas, carros, mares, florestas são todos entes. Estes entes são prenúncios de investigação do próprio ser. E são chamados por Heidegger de “intramundanos”, pois, encontram-se dentro do mundo. A relação do *Dasein* com os entes “intramundanos” implica no “desvelamento” destes entes.

Mais então, o que seria mundo? O simples dar-se do desvelamento de algo proporia pensarmos nele? Mundo seria a designação de algo em que estes entes se encontram? Seria um caráter do *Dasein*? Estes são alguns dos questionamentos que Heidegger propõe-nos. Para abarcar todos estes questionamentos ele traz para a cena de seu pensamento o conceito de “mundanidade do mundo”. O termo “mundanidade” será tratado numa análise ontológica e faz parte da constituição do momento do *Dasein* no mundo. Em *Ser e Tempo* Heidegger apresenta quatro definições de mundo:

Mundo é usado como um conceito ôntico, significando, assim, a totalidade dos entes que se podem simplesmente dar dentro do mundo.

2. Heidegger designará o homem por *Dasein*, aquele que dá sentido às coisas, o ente dos entes. O *Dasein* é o único no mundo que pode questionar sua existência, ele é o ente que compreende o ser, ou seja, compreende o ser em sua existência e que também ele (*Dasein*) entende que existir é uma de suas possibilidades.

Mundo funciona como termo ontológico e significa o ser dos entes mencionados no item 1. E “mundo” pode denominar a região que sempre abarca uma multiplicidade de entes, como ocorre, por exemplo, na expressão “mundo” usada pelos matemáticos, que designa a região dos objetos possíveis da matemática.

Mundo pode ser novamente entendido em sentido ôntico. Nesse caso, é o contexto “em que” de fato um Dasein “vive” como Dasein, e não o ente que [ele] em sua essência não é, mas que pode vir ao seu encontro dentro do mundo. Mundo possui aqui um significado pré-ontologicamente existenciário. Deste sentido, resultam diversas possibilidades: mundo ora indica o mundo “público” do nós, ora o mundo circundante mais próximo (doméstico) e “próprio”.

Por fim, mundo designa o conceito existencial-ontológico da *mundanidade*. A própria mundanidade pode modificar-se e transformar-se, cada vez, no conjunto de estruturas de “mundos” particulares, embora inclua em si o *a priori* da mundanidade em geral. (HEIDEGGER, 1997, p. 105-106)

Os itens 1 e 2 citados acima fazem parte da designação de mundo que a metafísica tradicional acreditava. Como pode ser observado, mundo era visto apenas como um local onde as coisas estariam amontoadas. Já nos itens 3 e 4, encontramos a designação de mundo proposta por Heidegger, especificando mundo como sendo o espaço onde o *Dasein* vive, e único local onde ele pode ser o que é. Neste sentido de mundo ele pressupõe também o “mundo circundante” (mais próximo ao *Dasein*) e o “mundo público” comum a todos. Apresentando-nos assim a estrutura para se pensar o fenômeno da “mundanidade” que designa “mundo”³ como conceito ontológico existencial. Pois, o que o filósofo chama de “mundanidade” se dá também no mundo.

3. Utilizamos aqui “mundo” (entre aspas) por se tratar de mundo em uma perspectiva ontológica.

Para Heidegger, a metafísica tradicional além de ignorar o *Dasein* como “ser-no-mundo”, conseqüentemente, ignorou o fenômeno da “mundanidade”. A preocupação da ontologia tradicional era apenas com o ente “intramundano”, neste caso, o objeto de estudo era a natureza própria de algo, de um objeto. Porém, não é através deste ente que se pode explicar o fenômeno da “mundanidade”. É através da análise do *Dasein* que o conceito de “mundo” pode ser apreendido.

Deste ponto, investigando o “ser-no-mundo” em seu cotidiano, atinge-se também o fenômeno “mundo”. Ser “no” ou “em” um “mundo” não é um fenômeno como se algo estivesse dentro de outro algo, como um sapato numa caixa. “Ser-no-mundo” é a transcendência do *Dasein* em relação ao ente em sua totalidade, transcender é “ser-no-mundo”. O “mundo” mais próximo ao *Dasein* seria designado por Heidegger de “mundo circundante”. Falar em circundante é remeter-se à algo que está ao nosso redor, algo que está circundo. A demonstração fenomenológica do ser dos entes que se encontram mais próxima acontece por meio do “ser-no-mundo”, em seu mundo cotidiano que é o “modo de lidar” no mundo, ou seja, na lida que temos com os entes “intramundanos”. O *Dasein* é designado de “mundano” não como um ser simplesmente dado no mundo de qualquer maneira, o ser “mundano” é um modo de ser do próprio *Dasein*.

A “lida” que foi citada acima faz referência ao emprego das coisas em seus vários modos de ocupação. Mesmo que todo “desvelamento” aconteça por meio do ser, o ente é parte integrante deste processo. Os entes com os quais nos ocupamos são os que temos contato diariamente em algum contexto. Um exemplo seria quando usamos uma caneta para escrever, o ato de escrever utiliza papel, mesa para apoiá-lo, cadeira, todos esses itens estão podem estar contidos em uma determinada sala, que se encontra num prédio, que por sua vez está dentro do mundo, estas várias referências que estão interligadas,

vêm ao nosso encontro por meio da caneta, elas só aparecem porque utilizamos a caneta para escrever, porém, sempre estiveram lá. Mas só descobrimos essa conjuntura quando lidamos com o ente caneta na ocupação, no escrever.

“Ocupação” é a realização do “instrumento”. Ela ocorre por meio dos “instrumentos” que se revelam quando o ente vem até nós na lida (estamos ocupados com tal instrumento, enquanto realizamos com ele algum processo que desempenhe sua função instrumental). A “ocupação” é o meio pelo qual se “revela” a “instrumentalidade do instrumento”. Afirma Heidegger: “Designamos o ente que vem ao encontro na “ocupação” com o termo instrumento” (HEIDEGGER, 2006, p.109). Então, analisar os entes que nos circundam, refere-se a tomar algo em seu ser, isto é, em sua “instrumentalidade”. A “instrumentalidade” é o acontecer do “instrumento”, já o “instrumento” seria o ente que vem ao encontro na “ocupação”. A essência do “instrumento” é “ser para”, ou seja, servirá para alguma função “instrumental”. Em nossas casas, deparamo-nos com objetos para conserto como o martelo e o alicate; para tratar do jardim, como a tesoura, a enxada; na cozinha encontram-se itens para preparar alimentos, dentre outros vários “instrumentos”. A “instrumentalidade” destes “instrumentos” é “ser-para” algo e eles se encontram em sua “manualidade”. Esta “manualidade” dos “instrumentos” se dá na própria utilização e manuseio dos mesmos, a tesoura utilizada para podar plantas no jardim é simplesmente utilizada. A relação de poda intensifica o manuseio do instrumento, que é o que revela o modo de ser do mesmo. O modo de lidar com o ente nos faz ver como manuseá-lo, significa dizer que apenas olhar para uma tesoura não mostra por inteiro sua utilidade, a prática (ato de podar) está incluída nas várias multiplicidades de referências do “ser para”. Uma panela, por exemplo, é um “instrumento” utilizado para cozinhar algo, porém, podemos utilizá-la como recipiente para fazer uma horta,

ou mesmo servir para produzir algum tipo de escultura artística, uma criança pode pegá-la para produzir sons batendo sobre a mesma, são várias utilidades que não estão incluídas diretamente no significado de panela. Entretanto, a panela destina-se a cozinhar determinado alimento, sua finalidade ao ser produzida foi essa, o modo de ser do “instrumento” panela está associado e se esgota na sua finalidade, porém, em contato com um *Dasein* as possibilidades são inúmeras. O ente panela também faz referência à matéria prima do qual foi construída (o aço), o uso deste elemento nos lembra ainda o meio do qual ele foi retirado, a natureza, ou seja, a panela é ponto de partida para uma infinidade de outros entes no mundo.

Sobre a *Physis* grega e a “circunvisão” de mundo

O caráter de ser “instrumento” surge quando pensamos a partir do “mundo circundante”, a isso podemos chamar de revelação da natureza. “Natureza” aqui não quer dizer força natural em seu significado comum como conhecemos, mais sim a “natureza” que é desvelada por nós por meio da “circunvisão” e percepção do “mundo circundante”, principalmente através do uso das coisas e do modo de lidar com elas. Na antiguidade “natureza” era conhecida como *Physis*. A *Physis* antiga reunia em si todos os entes, seria o abrir de si mesmo. Com o passar dos anos *Physis* passa a significar também a essência dos entes. Para Heidegger, essa mudança de *Physis* para “natureza” desqualificou a importância de seu significado original, a “natureza” se tornou casas, construções, obras que o próprio homem constrói e que simplesmente vedaram a possibilidade real de abertura ou manifestação do que a *Physis* significava. Podemos trazer o exemplo heideggeriano do relógio. O instrumento utilizado para marcar as horas implicitamente marca a posição do sol. Utilizamo-nos do relógio, e por meio dele, a “natureza” vem implicitamente ao nosso encontro.

Quando olhamos um relógio, fazemos uso implícito da “posição do sol” segundo a qual se faz o ajuste astronômico da medição oficial do tempo. No uso do instrumento relógio, manuseado discreta e diretamente, a natureza do mundo circundante também está à mão. Pertence à essência da função da função de descoberta de cada empenho ocupacional no mundo imediato das obras a possibilidade de descobrir, segundo cada modo de empenho, o ente intramundano evocado na obra. Isso significa: descobri-lo nas referências constitutivas da obra, em vários graus de explicitação e em diferentes envergaduras de aprofundamento da circunvisão. (HEIDEGGER, 1997, p.113)

A possibilidade do *Dasein* de produzir a obra relógio pressupõe o caráter de “manualidade” (aquilo que está à mão) da coisa produzida para o “mundo circundante”. A descoberta deste “mundo circundante” faz com que a “natureza” venha ao encontro através das várias possibilidades de ser da obra, aquilo que “está à mão” se faz em sua ocupação. Nesse sentido, a *Physis* é um brotar de todas as possibilidades requeridas pelo contexto circundante.

A importância dos “sinais” como uma forma de orientação de *Dasein* no mundo

Os “sinais” são instrumentos que servem para indicar, mostrar ou apontar para a rede de referência de um contexto. Eles fazem com que essa rede seja mostrada no contexto familiar do *Dasein*. No mundo o homem constitui uma diversidade de “sinais” orientada pela “circunvisão”, estas coisas assinaladas são coisas que “estão à mão” no “mundo circundante”. A seguir poderemos legitimar a utilidade dos “sinais” no “Mundo”, através de um exemplo de sinal fornecido pelo filósofo:

Recentemente, instalou-se nos veículos uma seta vermelha e móvel, cujo posicionamento mostra, cada vez, por exemplo, num cruzamento, qual o caminho que o carro vai seguir. O posicionamento da seta é acionado

pelo motorista. Esse sinal é um instrumento que está à mão, não apenas na ocupação (dirigir) do motorista. Também os que não estão no veículo e justamente eles fazem uso desse instrumento, esquivando-se para o lado indicado ou ficando parados. (HEIDEGGER, 1997, p.121)

O pisca-alerta utilizado como “sinal” para orientação só pode ser utilizado em sua praticidade no “mundo”. Por meio da lida cotidiana e da praticidade na utilização do ente o *Dasein* compreende o todo da significatividade que “Mundo” representa. Nota-se que os “sinais” aparentemente desempenham um modo de interação que direciona *Dasein* para uma forma de comunicação que lhe é própria. O pisca-alerta, utilizado em um carro específico, e por um *Dasein* específico, faz com que em determinada estrada, não só este *Dasein* se oriente, mais faz com que os demais presentes na estrada também possam se guiar para evitar acidentes, outros carros diminuirão sua velocidade, trilharão por caminhos indicados por placas. Este instrumento realiza uma orientação a partir de um contexto e coloca o *Dasein* em relação com as coisas do mundo circundante. Os sinais têm o caráter de mostrar (*Zeigen*) e indicar no mundo estruturas ontológicas disponíveis.

Conclusão

Em suma observa-se que a expressão utilizada por Heidegger “ser -no -mundo”, significa estar no “mundo”, o que evidencia a transcendência do *Dasein* em relação ao “mundo” e um novo modo de abordagem do homem. Guiado pela “circunvisão” a partir das referências constituídas no “mundo circundante” o *Dasein* se torna o que é sendo no “mundo”. Já não está em questão mundo como uma base para a quantidade de coisas com as quais contamos, como um substrato, “mundo” faz parte da própria construção do *Dasein*. A análise empreendida por Heidegger mostra a relação do homem com o ente através do uso cotidiano dos entes, bem como, do ato de produzir. A análise do “para que serve” de

cada instrumento e o ato de manusear, constitui o sentido das coisas utilizadas. Essa teia de referências faz parte dos seres “intramundanos” enquanto “instrumentos”. O único ente que trata disto é o *Dasein*, responsável ontologicamente pela constituição de sentido.

Referências

- INWOOD, M. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo* – parte I. Trad. Marcia de Sá Cavalcante, 6ª edição. RJ: Vozes, 1997.
- _____. *Introdução à Filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova, São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- ZARADER, M. *Heidegger e as palavras da origem*. Lisboa: Piaget, 1990.